

LITERATURA INFANTIL E GÊNERO: RELAÇÕES EM *MENINO BRINCA DE BONECA?* E *BIBI BRINCA COM MENINOS*

Tatyane Ferreira Tomé Ribeiro; Franciedson dos Santos Bento; Rafael Ferreira Tomé; Tamires
Nayara Farias

Orientador: Prof. Me. Jhonatan Leal da Costa

Universidade Estadual da Paraíba, UEPB taty.ribeirocg@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba, UEPB franciedson2011@hotmail.com

Universidade Federal de Campina Grande, UFCG rafaelftome@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba, UEPB tamiresletras123@hotmail.com

Universidade Estadual da Paraíba, UEPB

Resumo: Observa-se, como coaduna Paulino (2012), que a literatura infantil pode estimular o hábito da leitura e levar os leitores de forma lúdica a refletirem sobre determinadas temáticas contemporâneas como, por exemplo, as relações de gênero e as representações do masculino e feminino. Nota-se, como corrobora Louro (1997), que as divisões de brincadeiras para meninos e brincadeiras para meninas são construções históricas sociais que moldam e reproduzem padrões dos papéis aceitos socialmente. Sendo assim, sabe-se que as relações de gênero podem ser discutidas através da literatura com crianças e jovens. Mas até que ponto essas relações são representadas na literatura infantojuvenil? A partir desse questionamento, busca-se, analisar como acontecem as relações de gênero nos diálogos entre texto-imagem das obras literárias *Menino brinca de boneca?* de Marcos Ribeiro (2011) e *Bibi brinca com meninos* de Alejandro Rosas (2010). A presença de uma abordagem igualitária entre os papéis masculinos e femininos, que vai ser totalmente oposta ao que é ditado pelo sistema patriarcal, e a questão do respeito e a não discriminação foram os pontos principais considerados como justificativa para a escolha desses dois livros infantis como eixo central de nossa análise. Dessa forma, iniciaremos o texto conceituando o que seria a literatura infantil e a sua importância, para depois aprofundar sobre a questão de gênero e igualdade nas obras citadas, e como abordar essas temáticas na escola. Logo, pretende-se, como percurso metodológico, realizar uma análise do texto e imagem, observando as proximidades e particularidades entre as duas obras literárias, bem como, verificar de que maneira são trabalhadas as representações de gênero. Portanto, como aporte teórico dessa pesquisa, utilizaremos autores como Hunt (2010) para discussão sobre literatura infantil; Ribeiro (2008) para contextualizar os diálogos entre texto e imagem e a importância dessas ilustrações para a criança; Bourdieu (2012) quanto a infância e sobre o feminino e masculino como construção social e Louro (1997), quanto ao gênero demarcado desde a infância. Pretende-se com essa pesquisa, identificar como as representações de gênero são representadas nas obras de literatura infantil a serem analisadas e qual a melhor maneira de aborda-las nas aulas de língua portuguesa.

Palavras-chave: Literatura, infância, gênero, texto, imagem.

Introdução

Com base nos teóricos que serão estudados no decorrer deste trabalho, como Paulino (2012), podemos destacar que a literatura infantil é essencial para o crescimento educativo da criança, segundo a autora, pode-se a partir da leitura estimular confiança, criatividade, motivação, além de desenvolver habilidades que interajam com o contexto em que o leitor está inserido. Com o desenvolvimento de uma leitura lúdica, os leitores são levados por meio da literatura, a estimular o seu conhecimento de mundo e do mundo. Com análises dessas literaturas, pode-se incentivar os leitores a refletirem sobre a importância dos estudos de gênero e sexualidade, pois há uma grande crítica envolvendo esse estudo no ensino, sendo muitas vezes marginalizado. Nesse sentido, a literatura infantojuvenil e a ludicidade contribuem para o desenvolvimento da linguagem, do pensamento crítico e da atenção dos jovens leitores.

No decorrer do trabalho, objetiva-se analisar como são caracterizadas as relações de gênero e diálogos entre texto-imagem, que são abordados nas obras literárias: *Menino brinca de boneca?* e *Bibi brinca com meninos*, abordagens que se contrapõem ao que o sistema patriarcal estabelece na sociedade. Será abordado durante o trabalho, a representação dos supostos papéis masculino e feminino atribuídos pelos preconceitos construídos ao longo das gerações, para que o leitor (re)conheça os estereótipos datados pela sociedade patriarcal

A partir dessas observações, surgem os seguintes questionamentos: como se dão essas representações de gênero na literatura infanto-juvenil? Com base nos teóricos que abordam este estudo no contexto de literatura e ensino, utilizaremos a análise comparativa como recurso metodológico. Deteremos aos teóricos que abordam a temática elencada no campo da literatura, como, por exemplo: Bourdieu (2002), Hunt (2010), dentre outros. Com o estudo deste trabalho, espera-se ampliar a visão do leitor para novas representações de gênero, tornando-se um ser humano mais crítico e reflexivo.

1. Literatura infanto-juvenil e o estímulo a leitura

A leitura da literatura é essencial para o desenvolvimento crítico do jovem e do adolescente, quanto mais estímulos ao mundo da literatura, melhor será a formação do jovem, seja esta literária e/ou trabalhista rumo à vida profissional. O contato com os livros propicia ao leitor, ter uma melhor compreensão de si e do mundo que o cerca. O contato com a literatura, de forma que fascine e lhe

seja prazerosa, favorece o hábito de ler, para que os leitores possam criar e recontar as histórias que ouvem. De acordo com Meireles (1984, p. 128) “a natureza e intensidade dessas emoções podem repercutir na vida do pequeno leitor de maneira definitiva”.

O público infantil precisa de uma linguagem que se mescle às características de sua pouca idade, sendo assim, é dever dos autores adequar-se à uma linguagem mais simples para o melhor entendimento do pequeno leitor, sabe-se que “quanto mais depurada a expressão, quanto mais simples e bela a entonação da linguagem, mais a criança apreciará a leitura, para qual se sentirá mais atraída” (SOSA, 1978, p. 39). De acordo com Hunt (2010), a relação do leitor adulto com o livro literário pode ser diferente da relação da criança com a obra.

Como é o livro e que impressão ele proporciona? Como se sente o leitor? [...] qual o pano de fundo do livro? E o pano de fundo do leitor? Que habilidades o livro exige? Que habilidades o leitor deve possuir? Qual é a circunstância da leitura? Tudo isso nos remete à relação da criança com o livro, que pode ser diferente da do adulto – e em especial quando se trata da relação do adulto com o livro para criança (HUNT, 2010, p. 22).

Desta forma, entendemos que se torna imprescindível ressaltar que os escritores e os educadores precisam ver o leitor como parte essencial do processo de aprendizagem, promovendo interação entre texto-leitor, aplicando (re)significações de sentidos construídos ao longo da leitura do texto literário. Conforme Cosson (2007, p.27), “ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço”.

A literatura infantil pode tanto estimular à leitura, como também possibilitar autonomia dos leitores, desenvolvendo sujeitos ativos na sociedade, determinando (re)produtores de sentidos adquiridos com a literatura. Conforme Paulino (2012, p.10) “as narrativas do livro infantil, na sala de aula, têm um processo influenciador na vida de cada criança, possibilitando, no desenvolvimento do seu aprendizado, momentos de descobertas e de integração no contexto social”.

A literatura infantil tem o compromisso de propiciar às crianças o contato com a leitura, pois antes de tudo, é um dos responsáveis pela formação dos adultos de amanhã. A leitura transforma os leitores, a partir da absorção dos conteúdos contidos nas obras, podendo o leitor usar o conhecimento adquirido de maneira positiva ou negativa diante da sociedade. Nesse contexto, Coelho (2000, p.15) afirma que:

Estamos com aqueles que dizem: Sim. A literatura, e em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola. [...] É ao livro, à palavra

escrita, que atribuímos a maior responsabilidade na formação de consciência de mundo das crianças e dos jovens.

A leitura dos textos da literatura, portanto, precisa ter objetivos e práticas bem definidas que não devem ser confundidas simplesmente como estudar apenas mais um conteúdo de literatura, é preciso que estabeleça uma formação de leitor que desenvolva competência literária para rebater, questionar e recriar as representações que o texto impõe em seu estudo.

2. Gêneros, sexualidades e Literatura Infanto-juvenil

Por tradição patriarcal, é o homem que tem que manter a família, trabalhar e proteger a esposa. Em contrapartida, temos a mulher como a virtuosa, a que obedece ao esposo, fala pouco, toma conta dos filhos e do bem-estar do marido. O silêncio e a subordinação ao homem são características fortes da “boa moça” pintada pelo patriarcado, sendo assim, ao homem são conferidas as atividades do espaço público, ao passo que, à mulher são delimitados os afazeres domésticos e a sua não-participação no meio social.

Nessa premissa, Bourdieu (2002) defende que a estabilidade a que se mantém as diferenças físicas entre o corpo do homem e da mulher e as ideias estabelecidas pelo sistema, levam a imprimir em sua alma a fraqueza e a posição menos elevada, de modo que é imposto os marcadores sociais de fraco e forte, com o intuito de, destinar à mulher os afazeres do lar e destinar ao homem as tarefas mais refinadas, ou seja, é o feminino e o masculino como construção social.

Vale ressaltar que, a mulher era vista como uma pessoa que não era capaz de tomar conta de si própria, sendo necessário ter um homem para protegê-la, seja pai, marido ou irmão. Pois, a mulher foi ensinada desde cedo pelas mais velhas e pelo sistema patriarcal a serem as frágeis e a sempre esperar pelo homem, a não agir. Dessa forma, o casamento era visto como uma maneira que fornecia segurança à mulher, pois, ela teria um homem ao seu lado. Logo, o padrão esperado é o da mulher calma, feliz e sorridente aprendendo a esperar e servir ao seu marido protetor, como também a importância dos afazeres domésticos.

O sistema patriarcal possui a visão de que o homem é diferente, visto que é superior a mulher. Para o patriarcado, a mulher é inferior e dependente do marido. Bourdieu (2002, p.20) discorre que, “a diferença entre os sexos é uma realidade biológica, conformando-as aos princípios de uma visão mítica do mundo, enraizada na relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres”. Ou seja, o que difere machos e fêmeas são os órgãos sexuais, mas o patriarcado se

utiliza dessa diferença física natural para justificar e propagar a ideia de superioridade e dominação masculina. Nota-se, então, que é estabelecido por esse sistema falocêntrico, o que a mulher pode ou não fazer. É o homem, que vai ditar se sua esposa pode trabalhar, estudar ou sair de casa. Haja vista que, mulheres não perguntam e não batem de frente com a estrutura patriarcal.

Observa-se, então, que o gênero reflete antes de tudo uma construção social histórica, que vai delimitando o que é feminino e masculino. Para Scott (1995):

Por gênero me refiro ao discurso da diferença dos sexos. Ele não se relaciona simplesmente às ideias, mas também às instituições, às estruturas, às práticas cotidianas, como os rituais, e tudo o que constitui as relações sociais. [...] Segue então, que gênero é a organização social da diferença sexual. Ele não reflete a realidade biológica primeira, mas ele constrói o sentido desta realidade. A diferença sexual não é causa originária da qual a organização social poderia derivar: ele é antes, uma estrutura social móvel que deve ser analisada nos seus diferentes contextos históricos (SCOTT, 1995, p.15).

Logo, a questão de diferenciar homem e mulher pelo físico e pelo biológico é mais uma desculpa do patriarcado, para justificar as diferenças dos papéis da sociedade ditos como femininos e masculinos. Com os estudos de autores como, Louro (2003, 1997), Scott (1995), Ribeiro (1990), entre outros, o tema sobre gênero e sexualidade foi ganhando mais espaço e sendo abordado nas universidades e até mesmo nas escolas. Mas, essa abordagem não começou de agora, vem desde o século passado com os movimentos sociais que lutavam (e lutam) pela igualdade de gênero, pelos direitos das mulheres e o respeito às diferenças.

É fato que, a sociedade foi sofrendo algumas mudanças na cultura e na educação. Contudo, mesmo com esse pequeno avanço, o preconceito e a desigualdade de gênero ainda é muito presente no nosso cotidiano. Nesse contexto, é de suma importância a relação do gênero com a literatura infantil. Visto que, para Hunt (2010), a literatura produz efeito, e sendo ela ideológica, o seu discurso não é inocente. Quando se trata da criança, a literatura vai mexer com o lúdico, ao mesmo tempo que retrata para ela a realidade.

Portanto, é necessário o estudo do gênero para a quebra do preconceito. Mas como o gênero é abordado na literatura infanto-juvenil? É necessário que se atente às diferentes situações e ao contexto histórico. Antes, as histórias contadas nos livros infantis eram de caráter pedagógico, moralista e reforçador do patriarcado. Nas estórias eram recorrentes as representações construídas e estabelecidas pela cultura falocentrista. Na qual, os homens apareciam nas ilustrações como os fortes, destemidos, indo trabalhar e realizando tarefas nobres, e as figuras femininas eram representadas por personagens fragilizadas, medrosas, que surgiam varrendo a casa, no fogão, vestindo um avental, e sempre à espera do homem perfeito, o “príncipe encantado”.

Os livros didáticos e paradidáticos têm sido objeto de várias investigações que neles examinam as representações dos gêneros, dos grupos étnicos, das classes sociais. Muitas dessas análises têm apontado para a concepção de dois mundos distintos (LOURO, 1997, p.70).

É notório a condição (exploração e desvalorização) imposta às mulheres e ao papel subalterno exercido por elas. Logo, podemos pensar o quanto os discursos desses livros ficavam impressos em nossa sociedade, demarcando as atribuições de gênero desde a infância. Já os livros infanto-juvenis atuais, retratam várias temáticas que não seguem o padrão e que estão presentes na sociedade de hoje, tais como a igualdade, a não demarcação de gênero e as diferentes formas de família. O questionamento, a desconstrução e a presença de representações de papéis não-sexistas são característicos dessa literatura atual. Podemos citar como exemplos, *Olivia tem dois papais* de Marcia Leite (2010), *Por que só as princesas se dão bem?* de Thalita Rebouças (2013), *É proibido miar* de Pedro Bandeira (2009), *O gato de gostava de cenouras* de Ruben Alves (1999), e *Eugênia e os robôs* de Janaina Tokitaka (2014).

Atualmente, os estudos de gênero e sexualidades, no âmbito da Literatura, se encarrega de observar nas obras literárias se as representações do que é para ser homem e ser mulher refutam ou reforçam os padrões hegemônicos. Em síntese, a presença do gênero sendo abordado na literatura, é relevante para que se observe o mundo ao redor e retire a venda nos olhos, não ficando preso as ideologias ultrapassadas, para que se possa desconstruir as relações de poder e os modelos impostos socialmente.

3. Brincadeira e Gênero na Infância

As brincadeiras na infância, mais especificamente nos anos iniciais escolares, tendem a ser reprodutoras dos padrões de gênero. Por vezes, no intervalo das aulas na escola, ou nas aulas de educação física, as crianças são separadas em grupos formados exclusivamente por meninas ou por meninos e cada grupo desenvolve atividades como, respectivamente, brincar de bonecas e jogar futebol. Quando uma criança se interessa por uma brincadeira demarcadamente do sexo oposto, pode não ser tão bem aceita como em uma atividade dita como mais naturalizada para o seu gênero.

Afinal, é 'natural' que meninos e meninas se separem na escola, para os trabalhos de grupos e para as filas? É preciso aceitar que 'naturalmente' a escolha dos brinquedos seja diferenciada segundo o sexo? Como explicar, então, que muitas vezes eles e elas se 'misturem' para brincar ou trabalhar? [...] Como professoras de séries iniciais, precisamos aceitar que os meninos são 'naturalmente' mais agitados e curiosos do que as meninas? E quando ocorre uma situação oposta à esperada, ou seja, quando encontramos

meninos que se dedicam a atividades mais tranquilas e meninas que preferem jogos mais agressivos, devemos nos ‘preocupar’, pois isso é indicador de que esses/as alunos/as estão apresentando ‘desvios’ de comportamento? (LOURO, 1997, p.63).

Na infância, as pessoas aprendem que existem brinquedos destinados a meninos e os destinados a meninas, e esses padrões são reforçados, muitas vezes, por instituições sociais, como as indústrias, as escolas e as mídias. Essas demarcações surgem, por exemplo, na separação de brinquedos pela cor, sendo a cor azul eleita para os meninos e cor de rosa para as meninas. Ou na convenção de que brincadeiras mais agitadas são para meninos e brincadeiras mais amenas são para meninas.

Nesse contexto, Bicalho (2013) alega que os brinquedos vão sendo escolhidos conforme o sexo da criança, refletindo a realidade de cada cultura e reforçando comportamentos impostos. O carrinho, a pipa, o pião são brinquedos ditos como para meninos, enquanto que a boneca, a casinha e fogãozinho são para meninas, conforme a representação e reflexo da sociedade. Sobre isso, Bicalho (2013, p.43) acredita que, “o brincar é uma forma de mediação das construções e significações que a criança produz de sua realidade”. Portanto, é nas brincadeiras que a criança vai desenvolvendo e explorando sua percepção sobre o mundo e interpretando o que acontece ao seu redor, como perceberemos nas análises das obras literárias a seguir.

4. Analisando as obras *Bibi brinca com meninos* e *Menino brinca de boneca*?

Para análise dos livros de literatura infantojuvenil *Bibi brinca com meninos* de Alejandro Rosas (2010), e *Menino brinca de boneca* de Marcos Ribeiro (2011), levaremos em consideração as relações entre texto e imagem, bem como, as abordagens e representações de gênero nas obras supracitadas.

Ribeiro (2008, p.133), em seu artigo intitulado “A relação entre o texto e a imagem”, relata que “gostaria de enfatizar que a relação entre texto e imagem deve ser entendida como uma tradução, tendo em vista adaptar-se a um sentido a partir da sua transposição a um outro ambiente”. Essa transposição diz respeito a linguagem não verbal, ou seja, a ilustração, muito utilizada nas literaturas infantojuvenis. Neste sentido, a imagem irá adaptar-se ao sentido do texto e ampliar as experiências de leitura na relação de texto e imagem.

O texto verbal em si, é importante na construção de sentidos para o leitor (RIBEIRO, 2008). Tanto a palavra, quanto a imagem, são carregadas de significados, podendo, as ilustrações levar o

leitor para além do que está posto no texto verbal. A palavra do escritor, mantém significados subtendidos (ou não) que o ilustrador transfere para a imagem. O diálogo efetivo entre essas duas linguagens (visual e a palavra) é muito importante para que o leitor ultrapasse a linha do horizonte e veja ao seu redor um leque de possibilidades para o entendimento das particularidades da obra, ou seja, entre o movimento da palavra e da imagem.

Palavra e imagem ressoam entre si em uma trepidação: para cada leitor essa fusão é particular, instante único, mas provocada, por exemplo, tanto pela realização do escritor, como do ilustrador, aqui devemos destacar que a ilustração também fala, também agita (RIBEIRO, 2008, p.126).

No livro *Bibi brinca com meninos* do autor Rosas (2010), é observado que a obra é constituída por mais imagens do que texto. Entretanto, mesmo com frases curtas, o leitor consegue entender o que o autor quis transmitir. Ao pegar no livro, o primeiro contato que se tem é com a imagem, que vai dando nova forma a palavra, ao mesmo tempo em que possibilita o enriquecimento da leitura. Neste caso, é interessante observar que a palavra por sua vez, conforme Hunt (2010), dá significado à imagem, interpretando-a e amplificando a afinidade do texto verbal com o visual, processo que também ocorre com a imagem em relação ao texto.

Vemos que, no livro *Bibi brinca com meninos*, o autor fala da descoberta que meninos e meninas tem quando participam de brincadeiras impostas ao sexo oposto. A personagem Bibi mostra aos seus primos que meninos também podem brincar de boneca, assim como, meninas podem fazer coisas que os meninos culturalmente fazem. Desse modo, cada um mostra sua realidade e se inclui no mundo do outro, quebrando estes paradigmas que realmente só existem quando impomos.

As obras literárias em questão se inserem no contexto infantil, destacando a temática de gênero, como forma de levar o leitor a repensar sobre o preconceito da sociedade patriarcal.

Durante a análise de *Bibi brinca com meninos*, podemos identificar as marcações de gênero impostas pela sociedade, e que vão sendo apresentadas e desconstruídas pelo autor, através da linguagem verbal e visual. Estas marcações de gênero são atribuídas como, o homem sempre responsável pelos “afazeres masculinos”, enquanto a mulher, responsável pelos “afazeres femininos”. Podemos verificar um desses padrões de gênero na frase: “engraçado que quase sempre é assim: meu pai faz coisas de pai e minha mãe faz coisas de mãe” (ROSAS, 2010, p.12). Da mesma forma, estes padrões de gênero nas brincadeiras infantis, vão sendo desconstruídas ao decorrer da obra.

No decorrer da leitura de *Bibi brinca com meninos*, identificamos a troca de papéis entre os sexos, meninos brincando com brinquedos de menina, e menina brincando com os brinquedos de menino, apresentando uma situação mal vista pela sociedade patriarcal em que vivemos. Araújo (1989, p.13) afirma em seu texto que: “algumas normas de conduta estabelecidas pela família para as crianças, em geral, restringem a liberdade de movimento das meninas, ao contrário dos meninos, e tem sempre um cunho moral”.

É possível observar que, por maior que seja a “pressão” para se comportarem como meninos e/ou meninas, algumas crianças manifestam escolhas para além do que é permitido pelo grupo ou pela cultura no qual está inserido. Como visto na figura 1, em que a relação entre o texto e a imagem mostram que as crianças não reconhecem a ação de que brincar é destinada à gêneros específicos. Bibi ainda expressa seu ponto de vista (reforçado por sua feição na ilustração) ao dizer que acha estranho ter brincadeiras intituladas para meninos ou meninas. Subentende-se que o importante é brincar.

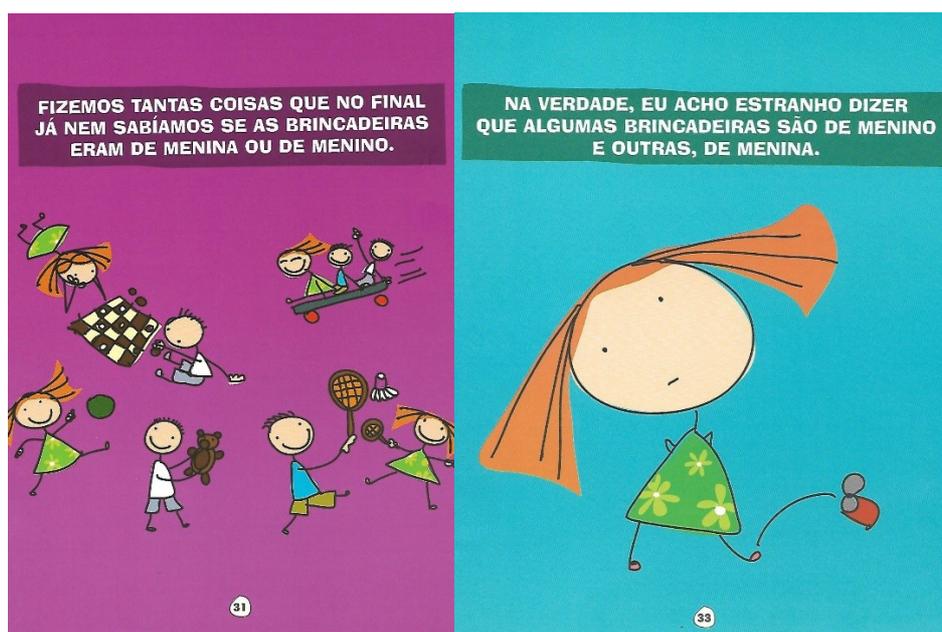


Figura 1 – Fonte: livro “Bibi brinca com meninos, 2010, p. 31 e 33

O livro *Menino brinca de boneca?*, de Marcos Ribeiro (2011), discute sobre as diferenças de gênero e a diversidade cultural, com textos mais longos e uma abordagem mais aprofundada do que a obra anterior, do autor Rosas (2010), pois Ribeiro (2011) formula questionamentos para os leitores, levando-os à reflexão e ao debate com os “amigos da escola, do prédio, da rua, da comunidade” (p. 36), sobre o tema igualdade e padrões de gênero, enquanto “Bibi brinca com

meninos” encontra uma maneira mais sutil de buscar o pensamento crítico por meio de uma história. Embora ambas as obras tenham suas particularidades, estas trabalham a mesma temática, reforçando que não importa o sexo, o gênero, a raça e a classe social no momento de fazermos nossas escolhas, pois todos somos diferentes e devemos buscar, respeitar e saber aceitar as pessoas como elas são.

No decorrer da obra, Ribeiro (2011) analisa os diferentes papéis impostos socialmente, mostrando que, todos têm a capacidade de exercer tarefas impostas como femininas ou como masculinas, independente do sexo, e a vestir ou usar o que quiser, quebrando desse modo, o paradigma de que “mulher tem que estar em casa, na cozinha, enquanto o homem trabalha fora”. Sendo assim, o autor vai desmistificando o que a sociedade rotula, levando o leitor a refletir que desde novos somos influenciados pela convenção a seguir o padrão de que menino não brinca de boneca e que homem não chora.

Como pode ser visto abaixo, na figura 2, Ribeiro (2011) discorre que brinquedos e brincadeiras não tem sexo, meninas e meninos tem os mesmos direitos e são livres para brincarem do que quiser, desde que se sintam bem. A imagem apresentada se entrelaça com a escrita, trazendo mais sentido à obra, pois se auto complementam.

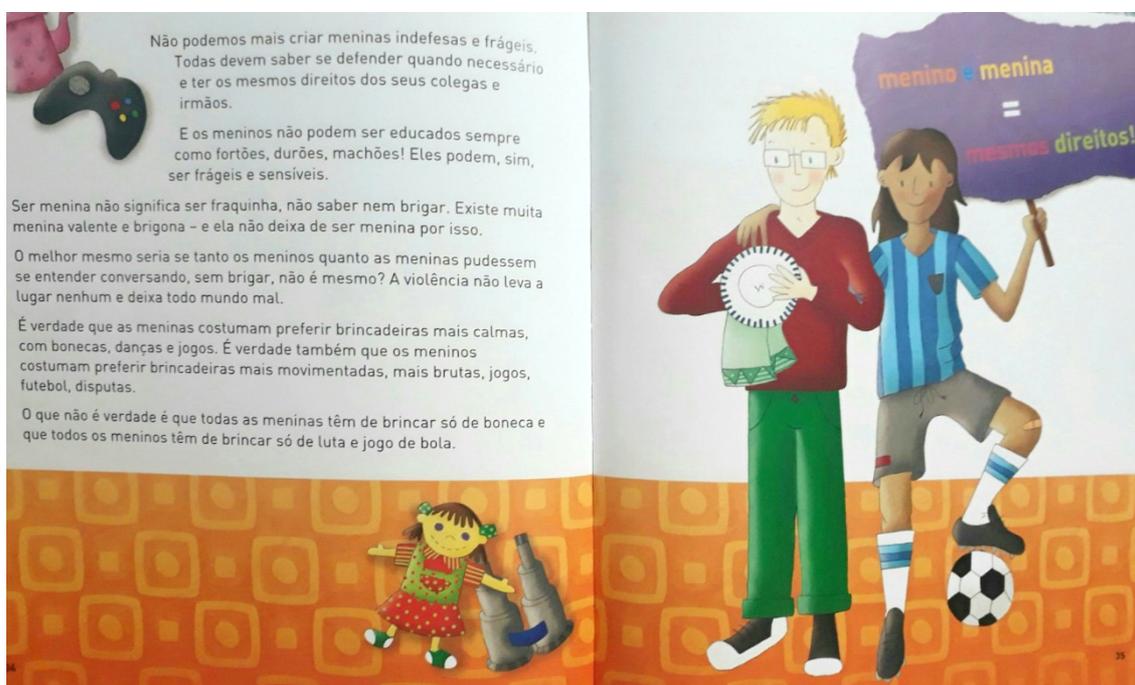


Figura 2 – Fonte: livro “Menino brinca de boneca?”, 2011. p. 34 – 35.

Em um ambiente de educação formal, o educador pode usar os livros aqui abordados como uma maneira lúdica de levar os leitores a um pensamento crítico sobre questões de gênero. Uma

proposta metodológica de levar a leitura para a sala de aula, seria, em primeiro lugar, apresentar brinquedos aos estudantes e pedir para que estes naturalmente separem entre as duas categorias “para meninos” ou “para meninas”. Espera-se que, de acordo com a carga informativa vinda de casa, ou da própria escola, as crianças realizem esta divisão segundo os dogmas patriarcais. Em um segundo momento, poderia iniciar-se uma roda de leitura levando ambas as obras *Bibi brinca com meninos* e *Menino brinca de boneca?*, provocando questionamentos nos discentes a respeito de suas escolhas na dinâmica anterior. O terceiro momento seria conversar e ouvir a respeito de suas opiniões sobre os livros e o que eles aprenderam em relação à gênero. Outras metodologias podem ser pensadas e aplicadas, desde que, o intuito seja desconstruir o padrão machista/homofóbico já há tanto tempo naturalizado.

Considerações Finais

Neste artigo, identificamos como são representadas as relações de gênero nas linguagens verbais e imagéticas das obras de literatura infantojuvenil *Bibi brinca com meninos*, de Rosas (2010), e *Meninos brincam de boneca?*, de Ribeiro (2011), bem como, propomos uma abordagem para o uso destes livros nas aulas de língua portuguesa.

No decorrer deste texto, foram discutidas as temáticas de gênero na literatura infantojuvenil e o estímulo da leitura; brincadeira e gêneros na infância. Discussões estas aplicadas na análise de problematização das narrativas literárias. Foram identificadas representações de gêneros que desconstruem padrões estabelecidos pelo sistema patriarcal.

Embora as duas obras abordem a mesma temática, *Bibi brinca com meninos* traz uma reflexão de maneira mais sutil, com imagens marcantes e textos curtos, por meio de uma narrativa, em que a protagonista brinca com seus primos e, juntos descobrem que brincadeiras e brinquedos não precisam se restringir a delimitações de gênero. Quando nos voltamos para *Menino brinca de boneca?*, nos deparamos com uma provocação didática, textos mais profundos e longos, onde os leitores são questionados pelo autor e levados à questionar os padrões de gênero.

O trabalho com tais obras temática se mostrou importante para fazer com que nós, bem como futura criança leitora, tenhamos uma visão mais humana e crítica, quebrando velhos preconceitos e tornando-nos abertos para novos pontos de vista.

Referências

ARAÚJO, G. L. *Criança camponesa – construindo a identidade de gênero através da socialização*. Dissertação (Mestrado em Serviço Social), UFPE, 1989. p.83.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kuhner. 2ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BICALHO, C, W, C. Brincadeiras infantis e suas implicações na construção de identidades de gênero. *Rev. Med. Minas Gerais*, 2013.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: teoria, análise e didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2007.

HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. Trad. Cid Knipel. Ed. rev. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*- 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PAULINO, Regina Vicente da Silva. *A importância da literatura na sala de aula – Guarabira*: UEPB, 2012.

ROSAS, Alejandro. *Bibi brinca com meninos*. São Paulo: Scipione, 2010.

RIBEIRO, Marcos. *Menino Brinca de Boneca?*. 3ed. São Paulo: Editora Moderna, 2011.

RIBEIRO, Marcelo. *A relação entre o texto e a imagem*. In: OLIVEIRA, I. O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador. São Paulo: DCL, 2008.

SCOTT, J. A. *Gênero: uma categoria útil de análise histórico*. In. Educação e realidade. Porto Alegre: UFGS, 1995.

SOSA, Jesualdo. *A literatura infantil*. Tradução de James Amado – São Paulo: Cultrix: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.